

CARTA DE S. PAULO

Prisões e deportações em massa — O arbítrio mais feroz substitui a Constituição — A ilusão dos trabalhadores que emigram para o Brasil — As dificuldades para obter trabalho — Os operários acatólicos morrem abandonados — Revive a escravidão antiga

MARÇO DE 1920.

Sem exageros de cōres, antes com omissões justificáveis pelo estado de nervosismo em que nos encontrávamos, descrevemos na nossa primeira carta a situação em que se debate a família operária desta finesa seuzal da pittoresca das exploradoras e malandros. Mais calmos, mais serenos vamos agora, porém, esclarecer os leitores de *A Batalha* sobre os pontos que então passámos em claro e que não julgamos razoável manter por mais tempo no ostracismo e no esquecimento. Seria uma falta imperdoável, efectivamente, que os crimes abomináveis, as torpezas inconcebíveis do capitalismo daqui não vissem neste momento à suporação, uma vez que até nós chega o eco doloroso dos infelizes deportados da última reacção, aos quais o governo democrático português, por sugestão da réua chefiada pelo inílio Epitácio Pessoa e acolhida pelo queixado Alílio Arantes, enviou, por seu turno, para a África, como criminosos da peor espécie! Para que todos ajuizem, pois, o que é este de cantado "paraíso... de ladros" — conforme lhe chamou um ilustre jornalista independente — regresemos um pouco ao passado, isto é, à data em que foi iniciada a sistemática repressão aos redatores de *A Pátria* e aos mais ativos e dedicados militantes operários.

Logo que se verificaram as primeiras prisões e deportações toda a imprensa a sua voz, deu-se pressa em pedir aos governantes a máxima energia "no sentido de pôr termo às greves que entravam o progresso nacional e nada mais visavam senão implantar o bolchevismo no Brasil". O estribilho era, como se vê, de molde a sugerir ao até mesmo os que sempre estiveram mais ou menos ao lado dos desiderados. Por essa razão, nem uma só pessoa que mostrasse tendências liberais foi poupadada: os calabouços abarrotaram-se de presos de todas as procedências, bastando para isso uma simples denúncia de qualquer anônimo declarador. Primeiro foram esolidados para bodes expiatórios os redatores do órgão proletário: Gigi Diamanti e Alessandro Lameila, sendos detidos em suas próprias casas, embarcam logo a caminho do seu país de origem — a Itália; Everardo Dias, apesar de brasileiro, sofreu torturas inquisitoriais, sendo chibatado por 24 vezes e obrigado a passar fome e a ficar no porão de alguns dias, depois do que foi expulso, mas que acabou de ser agora indultado devido à campanha da imprensa livre, e do deputado Maurício de Lacerda, Elegard Leueuroth, Andrade Cadete, Afonso Schimidt e outros homens de estimação, finalmente, para lugares seguros, continuando o autor destas linhas ainda foragido às garras policias. Os segundos a serem vítimas do ódio burguês foram os membros das direções dos sindicatos operários, os delegados junto às fábricas e as oficinas e os propagandistas, pertencendo a este número os camaradas Manuel Gama, Alberto de Castro e tantos outros que se encontram actualmente nas plazas africanas. Por último, como não houvesse mais elementos de destaque para arremessar às enxovias e aos portões dos navios, a burguesia desatou a perseguir, todos quantos se animavam, mesmo particularmente, a verberar-lhe as patrícias e os desmandos, de maneira que ainda hoje prossegue a obra de conluio despotismo a que vive jingido o desventurado povo deste país, que afinal é pintado pelos emissários dos escravocratas como o El-Dourado sul-americano... A situação que atravessam nãoifica, portanto, a dever nada à das restantes nações onde o influxo das ideias já levou a sua influência libertadora. No Brasil ou em Portugal, os trabalhadores sofreram toda a sorte de martirios,

Andrade CADETE.

Restos da greve da Construção Civil
Tendo os operários da construção civil, de Cascas, retomado o trabalho, foi-lhes dito pelos mestres de obras que o fizessem porque lhes garantiam que seriam aumentados. Numa reunião realizada pelos mestres resolvem os mestres adoptar uma tática de situações que quando quisessem delas necessitassem de pessoal, se entenderiam entre si, evitando sempre tratar directamente com os operários, para que estes não tirassem vantagens das reivindicações.

O presidente da Federação dos mestres, Francisco Duarte Leão e Alfredo Figueiredo, foram a Sintra falar com os mestres desta localidade para não aceitarem

nada.

O caso da Imprensa Nacional
O pessoal da Imprensa Nacional, devido ao agravamento constante da carreira da vida formou há dias as suas reclamações de aumento de salário. Como os jornais *O Século* e *Diário das Notícias* tivessem a propósito deste caso publicado notícias tendenciosas, um grupo de operários resolveu fazer distribuir um manifesto de que extraiemos alguns trechos, que com bastante clareza expõe os factos:

Há tempo que o pessoal vem reclamando, a exemplo de outras classes, aumento de salário. Todos conhecem, sem precisar exemplificar, quanto se tem agravado a vida, porque todos a quem nos dirigimos queremos que para melhorar a sua situação económica.

Nesta conformidade, os pessoais, esperando numa comissão que andava tratando das suas reivindicações junto das entidades superiores, teve conhecimento, por uma comunicação que lhe foi feita, que esses seis meses, os operários desmaiaram porque as facilidades e o latentes que a princípio encontraram se tinham desvanecido, o que é o que o ministro do interior não estava disposto, por agora, a dar execução aos pedidos de aumento de vencimentos, mas a nome de uma comissão que num determinado tempo se iria reunir e reformar o Regulamento da Imprensa Nacional, levando esse trabalho ao parlamento. Com a comissão disse que procuraria nesse dia o deputado da presidência do ministério para, conforme lhe tinha sido prometido, a instar e em o ministro do interior para receber uma resposta concreta.

O Estado caloteiro
No sábado passado José Rodrigues da Silva, moço justiça com o fiscal da província, teve conhecimento, por uma comunicação que lhe foi feita, que esses seis meses os operários desmaiaram porque as facilidades e o latentes que a princípio encontraram se tinham desvanecido, o que é o que o ministro do interior não estava disposto, por agora, a dar execução aos pedidos de aumento de vencimentos, mas a nome de uma comissão que num determinado tempo se iria reunir e reformar o Regulamento da Imprensa Nacional, levando esse trabalho ao parlamento. Com a comissão disse que procuraria nesse dia o deputado da presidência do ministério para, conforme lhe tinha sido prometido, a instar e em o ministro do interior para receber uma resposta concreta.

E digam lá que o Estado não é caloteiro.

A BATALHA**Manda quem pode****Presos e torturados**

Continua a acintosa perseguição à classe trabalhadora, a quem os políticos e os seus sequazes votam um ódio feroz, porque ela não se presta a deixar passar sem o mais vigoroso protesto as iniquidades que em nome da ordem se estão praticando por esse povo.

As prisões regorgitam de presos; nos calabouços do governo civil asfixiam-se, tornando-se impossível dormir, pois que criminalmente se acumulam numerosos presos em cada calabouço, torturando-os selvaticamente.

Outram os torpes mantenedores da ordem, falar em sentimentos de humildade...

A humanidade é aquela que se vê. Não contam com todas as arbitrariedades que cometem, sepultam dezenas e dezenas de criaturas em calabouços infectos, só para satisfação do seu ódio, que o medo lhes faz brotar na alma perversa.

Assim, o operário Carlos dos Santos, preso na calabouço n.º 7 do governo civil, em virtude dos acontecimentos da rua Augusta, na esquadra do Caminho Novo, dizem-nos que, estando ferido em muitos casos, de emigrar para aqui, embalados por miragens que lhe enganaram. E' preciso que se convençam dumta vez para sempre, que as comensais liberdades prometidas e exaradas na Constituição, como sejam o direito de reinião, o direito de falar o de escrever, o direito de greve, o direito de crítica e de livre exame, tudo isso, em suma, não passa de cantos de serra para adormecer papaveros e ingénuos! E' necessário que saibam, dum modo positivo, que se morre aqui mais facilmente de fome e de inação do que na própria terra que abandonam. Quem aporta ao Brasil, se não traz consigo cabedal, todos os procuram ferir trabalhadores honestos.

— O operário Joaquim Diamantino, preso no calabouço n.º 7 do governo civil, escreve-nos protestando com toda a energia contra a infâmia da polícia que pretende fazê-lo passar por vadio que realmente é revoltante, tornando-se necessário que o operariado de todo o país se levante num brado de protesto contra torpezas tanto repugnantes, como que os governantes maus e estúpidos dos procuram ferir trabalhadores honestos.

— No forte de Sacavém encontram-se presos os seguintes operários da construção civil: Alfredo Estevão da Cruz, Custódio Pedro, Américo Mesquita, Jaime Antunes, Alfredo Marques, Augusto Martins de Sousa, Ventura Fernandes e Manuel Esteve Saramago presos desde o dia 21 do p. m., quando o Conselho de operários da seção deste sindicato apresentou o resultado das demarcações efectuadas por uma comissão, que junta de imediato à sua reabertura, tornando-se necessário que o operariado de todo o país se levante num brado de protesto contra torpezas tanto repugnantes, como que os governantes maus e estúpidos dos procuram ferir trabalhadores honestos.

— No forte de Sacavém encontram-se presos os seguintes operários da construção civil: Alfredo Estevão da Cruz, Custódio Pedro, Américo Mesquita, Jaime Antunes, Alfredo Marques, Augusto Martins de Sousa, Ventura Fernandes e Manuel Esteve Saramago presos desde o dia 21 do p. m., quando o Conselho de operários da seção deste sindicato apresentou o resultado das demarcações efectuadas por uma comissão, que junta de imediato à sua reabertura, tornando-se necessário que o operariado de todo o país se levante num brado de protesto contra torpezas tanto repugnantes, como que os governantes maus e estúpidos dos procuram ferir trabalhadores honestos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— O operário Joaquim Diamantino, preso no calabouço n.º 7 do governo civil, escreve-nos protestando com toda a energia contra a infâmia da polícia que pretende fazê-lo passar por vadio que realmente é revoltante, tornando-se necessário que o operariado de todo o país se levante num brado de protesto contra torpezas tanto repugnantes, como que os governantes maus e estúpidos dos procuram ferir trabalhadores honestos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Exército para tomarem conhecimento dos últimos trabalhos das suas comissões de melhoramentos.

— Reúnem-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Caixa Económica Operária (Teatro Gil Vicente), Rua da Infância, a Graca, o pessoal dos Arsenais de Marinha e do Ex